

Marinha Grande

- “Não quero ser o Valdemar Alves da Marinha Grande”, Paulo Vicente, presidente da Câmara
- Onda de solidariedade ajuda a reconstruir vidas
- Negócios de praia resistem e preparam Verão com optimismo

Edição





Uma assinatura. Duas experiências.

**Com a assinatura anual
beneficie da oferta da versão digital.**

Assine o JL



www.jornaldeleiria.pt



**JORNAL DE LEIRIA
UM JORNAL DE CAUSAS**

Índice

- 04** Na Vieira de Leiria, a escola regressa à igreja enquanto o agrupamento recupera
- 06** **Entrevista:** Paulo Vicente, presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande
- 08** Acudiram os outros e ficaram para trás. Reparações nos quartéis estão a começar
- 09** Cidades irmãs acudiram à Marinha Grande. Houve “onda de solidariedade imediata”
- 10** **Entrevista:** Paulo Teixeira, vogal Junta de Freguesia da Vieira de Leiria
- 12** **Entrevista:** Isabel Freitas, presidente da Junta de Freguesia da Marinha Grande
- 14** **Entrevista:** Franklin Ventura, presidente da Junta de Freguesia da Moita
- 16** Negócios de praia resistem e preparam a chegada do Verão com optimismo
- 17** A Casa-Nau demorará “alguns anos” até zarpar
- 18** O dicionário pode acrescentar mais um sinónimo à palavra resiliência: Sporting Marinhense

Ficha técnica

Edição: Jorlis - Edições e Publicações, Lda. **Director interino:** Cláudio Garcia
Redacção: Inês Gonçalves Mendes **Serviços Comerciais:** Cláudia Mendonça, Lúcia Alves, Rui Pereira
Paginação: Isilda Trindade, Rita Carlos **Impressão:** Naveprinter, S.A. **Tiragem:** 15.000
N.º de Registo 109980 **Distribuição:** Jornal de Leiria, de 16.04.2026.

Na Vieira de Leiria, a escola regressa à igreja enquanto o agrupamento recupera

Educação O Agrupamento de Escolas da Vieira de Leiria foi um dos mais afectados pela tempestade e, cerca de uma semana depois, adoptou medidas para manter a actividade lectiva. Direcção, professores e alunos unem-se para garantir a normalidade sem comprometer o ensino

Há quem ainda se lembre da antiga configuração do salão paroquial da Igreja Matriz da Vieira de Leiria que, há cerca de 50 anos, recebia aulas do ensino público, do primeiro ao nono anos. As salas que, actualmente, se destinam às turmas da catequese desta paróquia estão, por estes dias, a cumprir o propósito que tiveram há meio século e recebem, novamente, professores e alunos que retomaram as aulas após a tempestade Kristin.

Os espaços disponíveis na Paróquia da Vieira de Leiria e na Biblioteca de Instrução Popular, não muito longe, funcionam como salas de aula provisórias para o ensino secundário da Escola Secundária José Loureiro Botas, enquanto este estabelecimento acolhe as turmas do 2.º e 3.º ciclos e o ensino secundário profissional do agrupamento. Estão no local também as crianças do 1.º ciclo, colocadas em mono-blocos. Os Jardins de Infância reabriram, contudo, ainda carecem de obras de recuperação.

Esta adaptação tem sido um desafio, para professores e alunos. No salão paroquial, as três salas estão interligadas entre si e cada uma é mais pequena do que a outra. Na maior, com porta directa para a rua, é relativamente fácil distribuir os alunos de forma confortável. Nas restantes, o espaço vai apertando e, por isso, foram também colocadas as turmas com menor número de alunos.

“Logisticamente, não é fácil. Tenho de trazer sempre o meu computador porque não temos computador aqui. A internet, tenho usado a minha, porque aqui não há *wi-fi*”, relata Isabel Costa, professora de Português, enquanto tentava organizar o seu material e dar início a mais uma aula com uma das turmas do 10.º ano, com recurso a materiais e mobílias dignas de um “museu”, como costuma brincar.

Atempadamente, houve a necessidade de equipar estes espaços e, a 10 de Fevereiro, o salão paroquial começou a receber os alunos, com o centro da vila a notar o aumento de movimento.

Contudo, não é possível supervisionar o comportamento e as deslocações dos jovens nos intervalos. Quando chega o intervalo, o recreio acontece na rua, uma vez que o espaço ao redor da igreja e da biblioteca não é vedado. Os alunos já são mais velhos, por isso, a responsabilidade de cada um também é chamada a este plano de contingência e, até agora, têm sabido lidar com as alterações que o mau-tempo provocou.

As refeições continuam a ser asseguradas com o apoio de um autocarro que leva estes alunos até à Escola Secundária José Loureiro Botas, onde continuam a ser servidos os almoços.

No recomeço, quando tudo ainda era uma incógnita, Isabel Costa explica que optou por pedir aos

estudantes um “desabafo escrito”, antes de retomar a introdução de nova matéria.

“Já estou a ler os textos e alguns até vou publicar no jornal da escola. Muitos fizeram um diário, outros fizeram poemas. Dei liberdade de escrita e pedi-lhes [que escrevessem sobre os] aspectos positivos.”

Num primeiro momento, consideravam que apenas existiam consequências negativas, mas, o desafio de olharem para o lado bom de um evento que veio aprofundar as dificuldades da população levou-os a encontrar os tais aspectos positivos. “Alguns apontaram a aprendizagem, preparação, solidariedade, estarem

Houve alguns alunos que disseram que, pela primeira vez, estiveram com o pai o dia todo

Isabel Costa



mais tempo com os pais, conseguiram ler, houve de tudo um pouco. Houve alguns alunos que disseram que, pela primeira vez, estiveram com o pai o dia todo. Isto é incrível. Conseguiram encontrar os aspectos positivos: a solidariedade, os imigrantes que trabalhavam mais do que os nacionais”, recorda.

A própria professora admite que alterou o método de ensino, adequando a uma realidade onde grande parte dos alunos ainda não tem acesso à internet em casa, o que dificulta o acompanhamento da matéria. “Em vez de dar o teste tradicional, fiz questões de aula, de grupo e de partilha”, explica.

Ana Vale é uma das alunas que tem aulas na Igreja Matriz e nota uma “grande diferença em tudo”. “As aulas são muito complicadas. Temos condições, mas é muito difícil, como alunos, apanharmos a matéria. Distraímo-nos mais, estamos muito perto uns dos outros, na conversa. Ouvimos as aulas uns dos outros, também complica”, descreve.

A educanda percebe que esta foi a solução encontrada para manter a actividade escolar e, por isso, os alunos também tentam adaptar-se e responder da melhor maneira aos desafios provocados pela tempestade.

Todos os edifícios com danos
O director do Agrupamento de Escolas da Vieira de Leiria, José Soares,



esclarece que apenas três dos seis edifícios que compõem o agrupamento estão em funcionamento e todos registaram telhas levantadas, vidros partidos, infiltrações, janelas e portas arrancadas. Espera-se que, esta semana, sejam concluídas as obras na Escola Básica de António Vitorino e, quanto à Escola Básica n.º2 Padre Franklin, sofrerá obras de maior envergadura para ser transformada em centro escolar.

A transição para os espaços provisórios foi “pacífica”, embora tenha obrigado a “alguma logística para equipar os espaços com mobiliário escolar”.

Tal como determinou o Município

RICARDO GRAÇA



da Marinha Grande, os estabelecimentos de ensino apenas abriram portas quando as mínimas condições de segurança estiveram reestabelecidas, nomeadamente água e luz.

“Sou director apenas desde Julho de 2025 e não estávamos à espera que isto acontecesse. Enquanto professor, já tinha vivido outras situações anómalas, como a Covid-19 ou a tempestade Leslie. Consideramos que demos uma boa resposta. Não foi fácil, obrigou a muita adaptação e a um grande esforço por parte dos docentes. Ainda hoje trabalham sem acesso aos melhores computadores, sem projectores e a internet demo-

rou muito tempo a ser estabelecida”, sublinha, ao realçar também a compreensão dos pais.

A plataforma GIAE [Gestão Integrada de Administração Escolar] apenas regressou ao activo, em pleno, na semana passada e, agora, faltam recuperar “algumas valências”.

863

é o número de alunos inscritos no Agrupamento de Escolas da Vieira de Leiria, dos três aos 18 anos

Para o responsável deste agrupamento, com 863 alunos, esta e outras calamidades são “experiências” que permitem “prepararmo-nos melhor para o futuro”. “Temos a funcionar no nosso agrupamento um curso de protecção civil e, nas suas práticas, promovem simulacros, que ajudam os alunos a estarem preparados para estas situações.”

Com as soluções encontradas para que a actividade lectiva esteja a funcionar em pleno, José Soares pede um “acompanhamento mais próximo, com respostas mais rápidas” do Governo central, lamentando que “algumas decisões políticas atrasem a recuperação”.

Prejuízos custam 143 ME

O Agrupamento de Escolas da Vieira de Leiria é um dos exemplos da dimensão dos estragos provocados pela tempestade Kristin, transversal a todo o concelho e que ascendem aos 143 milhões de euros de prejuízos.

Em toda a rede escolar, estimam-se 3,2 ME de danos em coberturas, muros e vedações, aos quais se somam 385 mil euros para a reparação e verificação das condições de segurança de equipamentos de jogo e recreio e outros 240 mil para a reposição de mobiliário e equipamentos. Contabilizam-se mais de 350 árvores caídas nos espaços

escolares e há danos “muito graves” em quase todas as coberturas dos edifícios, refere o município.

Além das escolas da Vieira de Leiria, também foram muito afectadas a EB da Várzea, EB Francisco Veríssimo, o pavilhão ginnodesportivo da EB Guilherme Stephens, o JI de Picassinos, o refeitório do Pilado, entre outros.

Para retomar a actividade lectiva, realizaram-se “algumas obras de reposição das condições mínimas de funcionamento”, além da aquisição de 11 instalações modulares. A maior parte das reparações serão iniciadas nas férias de Verão.

“É de relevar a solidariedade nacional. Assim tivesse sido a solidariedade do Governo”

Paulo Vicente, presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, enaltece a dedicação dos trabalhadores da autarquia após a tempestade e garante que as praias estarão prontas para receber visitantes na época balnear

Como tem decorrido a recuperação do concelho após a tempestade?

Não tem sido tão rápida quanto desejariamos, porque os estragos e os efeitos da tempestade foram bastante significativos. Estamos pressionados com a abertura da época balnear. Todas as praias foram afectadas. Estamos preocupados com os efeitos da tempestade na mata. De dia para dia, vemos todo o material lenhoso na floresta a secar. Isso é um perigo iminente. Depois, temos a recuperação dos nossos equipamentos. Os equipamentos desportivos foram completamente destruídos, [os clubes] estão a pagar balúrdios para que os atletas possam treinar. Temos algumas medidas que iremos implementar em breve para minimizar esta situação. A agravar, temos a situação dos apoios aos particulares, que tem sido um horror. Foi um processo que, na minha opinião, foi lançado atabalhoadamente. Foi um processo imposto às autarquias, que não foram auscultadas previamente. Isso está a atrasar a nossa própria recuperação.

Quantas pessoas já receberam o apoio do Governo?

Em três mil, receberam 16. São à volta de 15 mil euros. Os técnicos

não descansaram durante aquele mês em que estivemos abertos. Vieram, para além da sua função de técnicos, como voluntários. Não tinham horários. Ainda por cima, com os procedimentos burocráticos que temos de fazer para adjudicarmos os nossos próprios prejuízos. Isto tudo sem um cêntimo por parte do Governo. Há trabalhadores da câmara que, para analisar [as candidaturas] vêm aos sábados e domingos, ficam até à meia-noite. Isto tem de ser pago e não tem sido pago pelo Governo. Estamos a trabalhar para uma situação de benefício aos municípios, mas que não nos incumbe. Qual é o resultado? Veremos ministros a dizer que isto está atrasado por culpa das autarquias. Para além da falta de solidariedade institucional, é lamentável. Se isto não é feito com rigor e responsabilidade, vamos ter o que aconteceu em Pedrógão Grande. Costumo dizer: não quero ser o Valdemar Alves da Marinha Grande.

Já receberam dinheiro das seguradoras?

Já. Ainda não fizeram o seu trabalho completo, mas já têm uma avaliação e já nos foi disponibilizada uma primeira tranche. Chegaram seis milhões. Temos 132 milhões de

prejuízos do município, acrescem 10 ou 11 milhões das instituições e colectividades. Quando veio a Kristin, estávamos a trabalhar na nossa primeira revisão ao orçamento, porque tínhamos um saldo de gerência à volta de 12 milhões, alocado aos nossos compromissos eleitorais. Com a Kristin, todo esse saldo foi alocado às despesas correntes, que têm sido enormes. Demos alimentação, fornecemos combustíveis, tivemos de comprar geradores, alugar máquinas. Fomos paulatinamente abrindo as escolas à medida que fomos disponibilizando as condições mínimas de segurança.

O que foi mais difícil?

Tudo. Era presidente quando aconteceram os fogos de Outubro de 2017, no dia 15 de Outubro. Estava de saída, mas estive nessa altura. Isto não tem comparação. Enquanto os fogos foi a mata, o lamento, a destruição do património, não atingiu as pessoas naquilo que era mais sagrado, que é o seu ninho, a sua casa. Afectou as pessoas fisicamente, monetariamente e, sobretudo, psicologicamente. De qualquer maneira, é de relevar a solidariedade nacional. Assim tivesse sido a solidariedade do Governo. Acorreram à Marinha Grande milhares de voluntários anónimos, além dos municípios e freguesias. Também tivemos as Forças Armadas. Com o nosso apoio na logística, montaram um centro de comando. Reportávamos as situações, eram imediatamente georreferenciadas e os militares iam para a rua. Tivemos reforço das forças policiais, GNR e PSP.

Que projectos ficaram suspensos?

A revisão [orçamental] foi feita, mas não foi alocada aos projectos que tínhamos. Não quer dizer que não retomemos. Mas, não com a força e a dinâmica que lhe pretendíamos dar. Agora, há que recuperar. Só temos um pavilhão, o da Nery, em pé. Não temos um mercado. Está para chegar uma tenda e já estamos a trabalhar para a construção do novo mercado. Era um dos primeiros projectos para avançar e agora torna-se de primeira necessidade. Não temos onde fazer a feira do artesanato, onde fazer exposições. Não temos os museus abertos. As árvores foram todas destruídas, vamos ter de repor. Depois, não é agora. Não estamos na época de plantar árvores.

Há projectos que não conseguem adiar mais e têm de ser retomados agora?

Estamos preocupados com as obras financiadas pelo PRR. Temos a Escola Pinhal do Rei e a residência de estudantes. Elas estiveram paradas



RICARDO GRAÇA

e os próprios empreiteiros tiveram dificuldades, porque as suas estruturas foram afectadas pela tempestade. Foram acrescidos trabalhos. Esses projetos já estão retomados, mas têm atraso de um mês e tal.

Há alguma indicação de que o prazo do PRR poderá ser alargado?

Não sabemos de nada. Se os prazos se mantiverem, é uma das preocupações. Com isto dos formulários, parece que temos um Governo que não sabe por onde anda. Não temos certezas nenhuma. A administração central a nível local não está, não se vê. Tivemos dois centros de acolhimento cheios. Ainda temos alojadas nove famílias em hotéis porque ainda não nos chegaram as casas modulares que adquirimos [após o dia da entrevista, já foram instaladas]. No Parque Municipal de Exposições está adjudicada a remoção dos destroços e ainda não conseguimos que começasse. O transporte de resíduos, tem sido mais lento, porque as próprias empresas não têm mãos a medir. A limpeza das praias está adjudicada, ainda não começou porque os empreiteiros não têm capacidade de resposta.

Preocupa-o a próxima época balnear?

Preocupa um bocado, sim. Mas, vai ficar em condições. Vamos ter uma época balnear 'XPTO'. Apesar das limitações, que poderão haver, naturalmente, porque não ficará tudo em ordem. Por exemplo, na Praia da Vieira, praticamente todos os apoios de praia ficaram destruídos. Naturalmente que não é em dois meses que se conseguem resolver as situações, mas eles estão muito entusiasmados.

A limpeza das praias está adjudicada, ainda não começou porque os empreiteiros não têm capacidade de resposta



A Marinha Grande vai elaborar algum plano para dar resposta a calamidades futuras?

Uma das nossas preocupações logo a seguir à tempestade foi, com os nossos dirigentes e trabalhadores, apontarmos as dificuldades e lacunas que tivemos. Ninguém estava preparado para isto. As nossas captações de água colapsaram durante dois dias porque não tinham energia. Não há nenhuma bomba de gasolina que tivesse gerador. Tivemos de abastecer na autoestrada, ou ir à Nazaré e às Caldas da Rainha. Uma das primeiras coisas que abastecemos foram as farmácias. Arranjámos um gerador e ele circulava por turnos. E os próprios edifícios têm de se tornar mais resilientes. Se calhar, temos de construir de outra maneira. Dou um exemplo. A Escola Padre Franklin, da Vieira, está impraticável. Lá, já é o terceiro telhado que voa. Portanto, não podemos pôr um telhado igual. E temos um pavilhão ao lado cujo telhado nunca voou.

Prometeu reabilitar 70 habitações sociais devolutas. As condições mudaram. Vai ser possível retomar este projecto?

Sim, vamos aproveitar os fundos comunitários. Mesmo a CIMRL vai formar uma agência para habitação. Temos terrenos disponíveis para alocar a habitação à agência, a custos controlados. Quem sabe, também umas parcerias público-privadas. Temos já projectos a finalizar para a reabilitação dos blocos L e M que ficaram ainda mais afectados com esta situação. Na Moita, também vamos fazer recuperação e, nos terrenos disponíveis, construir mais habitação, não em altura, mas em banda, para atrair jovens e rejuvenescer a população.

E já sabem o que podem esperar do PRR?

Não. Na minha opinião sincera, aquilo foi para enganar o povinho. Inicialmente, o senhor primeiro-ministro veio com pompa e circunstância, porque não tinham resposta imediata para dar à calamidade. Vieram com aquelas grandes parangonas e não tinham nada. Agora é que se está a construir. E a CIMRL ouviu todos os municípios. Contribuímos com as nossas opiniões e carências, não só para o desenvolvimento futuro, mas também para fazer face à calamidade. A calamidade veio para estes cancelhos da zona centro e foi-se alargando. Porque é muito diferente ter-se uma cheia e ter-se uma casa completamente destruída. Embora sejamos solidários com todos. Mas, a dimensão não é a mesma.



Trabalhar na Vipex tem sido uma experiência muito gratificante.

A empresa valoriza o crescimento profissional e o trabalho em equipa.

O meu percurso é exemplo disso: comecei como operadora de injeção e montagem e, atualmente, sou responsável do armazém de expedição.

Sinto que o meu contributo é reconhecido e que faço parte de um projeto com propósito.

Joana Pinto



Acudiram os outros e ficaram para trás. Reparções nos quartéis estão a começar

Ocorrências Voaram os telhados, partiram-se as janelas e seguiram-se as infiltrações. Os quartéis dos bombeiros não escaparam à força do vento e estão agora a conhecer as primeiras reparações

Ainda hoje surgem manchas de humidade nas paredes ou aparece mais uma poça de água. Após a tempestade Kristin, já vimos dias soalheiros, mas a chuva continua a aparecer e a intensificar as infiltrações nos quartéis dos Bombeiros Voluntários da Marinha Grande e da Vieira de Leiria, que não escaparam à fúria dos ventos daquela madrugada de 28 de Janeiro.

Tanto os estragos nos quartéis como nas casas de cada bombeiro ficaram para segundo plano. Afinal, a missão é prestar socorro ao outro, em qualquer calamidade.

“No terceiro dia, tínhamos aqui algumas lonas que nos vieram trazer de vários pontos do País. Dávamos as lonas a quem vinha buscar e as nossas casas estavam destelhadas. Gerir essas emoções não foi fácil, não é fácil para ninguém. Para nós, enquanto comando, e para os próprios bombeiros”.

Mário Silva, 2.º comandante da corporação da Marinha Grande, orgulha-se de dizer que tem “os melhores bombeiros do mundo”. Dizia-o antes de dia 28 e agora afirma-o com maior convicção.

Com a maioria das ocorrências a estar relacionadas com o desimpedimento de vias ou inundações, houve várias dificuldades que condicionaram o socorro normal às populações. A falta de comuni-



Na Marinha Grande, o quartel tem prejuízos de 350 mil euros

cações foi o maior desafio.

“Não havendo comunicações, as pessoas vinham aqui pedir socorro. Tínhamos filas na nossa central só de inundações. Por fazer, tínhamos 146”, recorda o responsável, ao referir que, no primeiro dia, a falha na rede SIRESP, devido à queda da torre no Alto dos Picotes, impossibilitava que o CODU (Centro de Orientação de Doentes Urgentes) encaminhasse os pedidos que chegavam via 112 para esta

corporação. “As ambulâncias que vieram de todo o País e estavam sediadas em Leiria vieram fazer o socorro à Marinha Grande porque não sabíamos o que havia”.

Uma das prioridades era desimpedir vias de acesso, nomeadamente abrir pelo menos uma faixa para que fosse possível chegar ao hospital. “Acho que não houve uma rua que não tivesse pinheiros ou postes a obstruir”, conta. “Os carros continuaram a andar,

porque esses não precisam de comunicações. Só para cortes de árvores, fizemos 1.773 quilómetros dentro do concelho. Empenhámos 245 horas, do 28 [de Janeiro] a 15 [de Fevereiro].”

Ginásio a céu aberto

E o quartel? O ginásio, no andar de cima, está praticamente a céu aberto. Muito do material desportivo é irrecuperável e as infiltrações apareceram de seguida.

As camaratas, onde os bombeiros podem dormir e descansar, ficaram reduzidas a nove camas e foi necessário fazer uma espécie de ‘tetrís’ para afastá-las dos locais onde pingava.

Escusado será mencionar que a humidade agravou os prejuízos, orçamentados na ordem dos 350 mil euros.

As câmaras de video vigilância captaram o momento em que as coberturas no parque de estacionamento voaram e em que duas viaturas sofreram danos - uma delas ainda nem sequer tinha entrado ao serviço, poi aguardava pela legalização.

A direcção desta corporação fez candidaturas a apoios e o seguro já ressarcir uma parte dos estragos. Vão chegando donativos, mas não chegam para fazer face ao drama. No entanto, foi possível começar as obras e procurar dar mais conforto a quem largou tudo para acudir a população.

“Acho que não houve aqui ninguém, com bom senso, que não tivesse medo. Acho que nunca tive tanto medo. Vinha a levar com coisas no carro e não cheguei [ao quartel] no pico. Depois de ver a destruição disto, foi assustador”, assume Mário Silva.

“Pareceu o fim do mundo”

A realidade foi semelhante nos Bombeiros Voluntários da Vieira de Leiria. “A quem esteve no quartel, pareceu o fim do mundo. Viram os portões a passar pelas viaturas, foi uma coisa impressionante de assistir”, relata o comandante João Lavos.

Também cedeu o telhado no edifício principal e de apoio, que colocou à mercê das chuvas a co-

zinha e as oficinas. Há janelas de alumínio e vidros partidos, portões arrancados, infiltrações no interior do edifício que criaram bolor e humidade. Tudo terá de ser “lavado e repintado”. Igualmente, houve veículos com danos e a antena de telecomunicações da torre caiu, provocando estragos nesta estrutura.

“Começámos a trabalhar na desobstrução de vias, árvores e muros caídos. A prioridade foi libertar as vias principais de acesso à freguesia”, conta o comandante, que, naquela manhã, tentou sair da Nazaré para chegar ao quartel, mas, pelo caminho habitual, não conseguia passar. “Fui pela auto-estrada e foi impressionante ver toda a zona das faixas, no sentido Norte-Sul, com muitos pinheiros e eucaliptos no chão”.

A prioridade, nesta corporação, foi reparar os telhados, principalmente na zona da cozinha e camaratas. Aguardavam pela chegada do portão de substituição e do material para o telheiro de apoio às ambulâncias.

Esta equipa dividiu-se por todas as ocorrências da freguesia e, na medida do possível, uniram esforços também para colmatar os danos nas habitações de cada bombeiro, igualmente vítimas da tempestade.

Enquanto equipas de protecção e de socorro, ambas as corporações retiraram ilações e vão trabalhar para implementar medidas que mitiguem o que, desta vez, não correu bem. Sobre tudo, as comunicações. Tanto Mário Silva como João Lavos concordam que a internet não pode falhar e vão procurar soluções para, pelo menos, garantir que as comunicações com o exterior não falham. “Temos de olhar com outros olhos para as comunicações satélite para fora do concelho, porque não conseguíamos transmitir o problema que tínhamos”, aponta o 2.º comandante da Marinha Grande.

Com as obras de recuperação, a ideia é tornar os quartéis mais resistentes às intempéries e, ao mesmo tempo, dar mais conforto aos bombeiros.

PUBLICIDADE

LAVANDARIA
self-service

TODOS OS DIAS
DAS 7H00 ÀS 22H00

MARINHA GRANDE
SERVIÇO COMPLEMENTAR
DE ENGOMADORIA

MARINHA GRANDE Rua das Portas Verdes, Ed. Estrela, Lote 8, Loja J (junto ao Talho Santos)
LEIRIA Est. M. Grande - Rua dos Mártires, n.º 31 (junto ao corte da Esc. Domingues Sequeira)
Email: sabaoazulss@gmail.com . Telm.: 910 736 040 . www.washstation.com.pt

JL

Para saber como anunciar na secção de classificados do Jornal de Leiria ligue

244 800 400
(chamada para rede fixa nacional)

Cidades irmãs acudiram à Marinha Grande. Houve “onda de solidariedade imediata”

Fundão, Montemor-o-Novo, Vila Real de Santo António, Oeiras, Oliveira de Azeméis e Salvaterra de Magos. São cidades geminadas com a Marinha Grande que, após a tempestade, mostraram estarem juntas para o bem e para o mal.

Quando é celebrado um acordo de geminação, estabelecem-se parcerias para intercâmbios culturais, sociais e económicos, com o diálogo entre municípios em vista. Como se viu no terreno, a solidariedade está subentendida nas entrelinhas destas parcerias.

Logo nos primeiros dias, transformaram os acordos de cooperação em apoio logístico e de material, como bens essenciais e materiais de construção, fulcrais para reabilitar casas e acautelar as dificuldades de

uma população que muito perdeu da noite para o dia. Fizeram jus ao mote: juntos somos mais fortes.

“A mobilização superou as expectativas. Apesar de sabermos que os municípios portugueses mantêm, entre si, um forte espírito de entreatajuda, o volume e rapidez da resposta – tanto de autarquias como de empresas e voluntários individuais – foi extraordinário. Nos primeiros dois dias após o temporal sentimos, de forma muito forte, que não estávamos sozinhos”, enaltece Armando Constâncio, vereador com o pelouro das Geminacões.

Para o autarca, este apoio foi “determinante para reforçar a capacidade de resposta imediata” à população, dando o exemplo da Câmara Municipal de Oeiras, que

enviou uma equipa e equipamento diverso. “Estiveram no território por mais de uma semana”, reforça.

Não foram apenas as cidades irmãs que enviaram material ou estiveram no terreno. A lista é

**Sentimos
(...) que não
estivemos
sozinhos**



longa e prova que a solidariedade ultrapassa distâncias e cores políticas: Matosinhos, Guarda, Lisboa, Valença do Minho, Avis, São João da Madeira, Loures, Barreiro, Loulé, Bragança, Satão e Vila Viçosa encastraram esforços para tentar devolver à cidade vidreira um pouco de normalidade, perante uma calamidade que poucas regiões no País viveram.

Entre as acções dinamizadas, o Município da Marinha Grande destaca o trabalho de Matosinhos, que “enviou equipas técnicas e equipamento logo no dia 30 de Janeiro, essenciais à resposta imediata à população”. “Algum desse material permaneceu ao serviço da Marinha Grande até ao passado dia 23 de Março”.

Ou o concelho da Guarda, que

deslocou equipas operacionais, acompanhadas pelo vice-presidente, para a reposição de telhados em escolas, “garantindo o regresso das crianças à rotina o mais rapidamente possível”.

Lisboa também forneceu equipamento e apoio operacional especializado e a autarquia não descurou o contributo de juntas de freguesia, com o “envio de bens alimentares e materiais de construção”. No caso da Junta de Freguesia de Benfica, o presidente, Ricardo Marques, disponibilizou técnicos para apoiar os municípios no preenchimento das candidaturas aos apoios da CCDRC, durante “várias semanas”. “Sem esta solidariedade transversal, não teria sido possível responder às necessidades da população.”

Apoio à reconstrução

Reconstruir começa aqui

Crédito para obras e recuperação
de equipamentos e instalações.
Estamos consigo na recuperação.



CAIXA DE CRÉDITO
DE LEIRIA

244 848 058

(Chamada para rede fixa nacional)

www.caixacreditoleiria.pt

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Leiria, CRL
registada junto do Banco de Portugal sob o nº 5180

PUBLICIDADE

“Foi uma onda de solidariedade tal, deixou-nos sensibilizados”

Paulo Teixeira vogal que substituiu temporariamente Álvaro Cardoso na presidência da Junta de Freguesia da Vieira de Leiria, descreve os trabalhos de recuperação no terreno. Pede mais apoios do Governo para a recuperação da população

Quando saiu de casa no dia 28, reconheceu a Vieira de Leiria?

Não estava cá, fui com os meus meninos até à *Disneyland*, mal sabia o que iria acontecer. Regressei na madrugada de sábado. Apercebi-me do que se passou porque via os alertas no telefone, mas falava-se que ia entrar primeiro na zona de Aveiro. Seriam sete da manhã e recebo um contacto. Tenho um animal de estimação que costumo deixar numa quinta e a senhora ligou-me aflita - ainda tinha comunicações - tinha ficado sem o telhado da casa. Fico em pânico. Tento ligar para a minha mãe, para o meu irmão, comunicações zero. Quando vejo as fotografias, a primeira coisa que me ocorreu foi: isto foi pior que o [furacão] Leslie. Só na quinta-feira, já tarde, consigo falar com um dos colegas de executivo, que tinha ido a Aveiro buscar material. Isto devastou a freguesia.

Como foram aqueles dias de trabalho?

Um colega, eram seis da manhã e já andava com o tractor na zona industrial a remover os lixos para desimpedir as vias. Não tivemos comunicações, não tínhamos electricidade e isso são dois problemas gravíssimos. Continuava a chover, as casas destelhadas, só no sábado é que conseguimos organizar um

grupo de voluntários e começar a mexer alguma coisa. Criar um posto, digamos assim, de comando aqui na Junta de Freguesia, porque ainda nem tínhamos avaliado muito bem as infra-estruturas disponíveis. Tivemos uma doação enorme de bens alimentares e de lonas. Foi uma onda de solidariedade tal, deixou-nos sensibilizados porque chegavam coisas de Norte a Sul do País, mesmo do estrangeiro. Não esperava.

Como tem sido a recuperação?

Os primeiros dias não foram fáceis. Particularmente a falta de comunicações e a questão de electricidade, que deixava as pessoas frustradas. Quando a E-Redes começou a colocar alguns geradores, em pontos que supostamente teriam mais clientes associados, havia zonas onde não colocavam. A população começou a desesperar e toda a gente recorria à Junta de Freguesia. Houve uns momentos tensos, por parte da população que vinha e reclamava junto da freguesia, porque nós estamos aqui na primeira linha, damos a cara.

Que quantidade de alimentos e lonas foram distribuídos?

Foram perto de 1.000 cabazes alimentares. Naquele sábado, 31 de Janeiro, lançámos o apelo e co-

Temos de ter um serviço de comunicações alternativo que funcione

”

meçámos logo a receber coisas. As pessoas também iam manifestando a necessidade de voluntários que ajudassem a colocar a lona. Nos materiais de construção foram mais de 1.900 entregas. Foi uma coisa fantástica e ficámos admirados como, pessoas que não conhecemos de lado nenhum, respondem a este apelo e são solidárias. Conseguiram mobilizar camiões para trazer 15 e 20 paletes de telha e outros materiais de construção. Na primeira fase, vimos que havia necessidade quer das pessoas que tinham posses, quer das que não tinham. Toda a gente estava aflita. Depois, chegámos a uma altura em que já tínhamos os seguros no terreno. Então, fomos fechando a distribuição dos materiais, que

era praticamente quase diária. Estávamos só com um dia na semana, às quartas-feiras.

A época balnear pode ser afectada?

Temos três estabelecimentos que foram fortemente afectados: o Sun7, o Leme e o Âncora. Há outro que está mais desmoralizado, porque aquilo implica ali um investimento para cima dos 300 mil. Costumo dizer: podem dizer que eles ganham muito dinheiro, mas não sei se, no lugar deles, teria coragem novamente, até porque, não há muito tempo, levaram com o Leslie. Estão a ver o que conseguem dos seguros e se vem mais algum apoio, porque convinha que viesse. A única coisa que existe são linhas de crédito à reconstrução e é óbvio



RICARDO GRAÇA

que numa situação destas queremos mais para além disso. Ninguém está a pedir os 300 mil para fazer o reinvestimento. O nosso presidente de Câmara tem tido a preocupação de trazer os elementos do Governo à nossa região. Se não vierem ao terreno, acredito que não se apercebem.

Será uma época balnear com normalidade?

Como gosto sempre de pensar de forma positiva, acredito que sim. Nestes dias que tem estado sol tem corrido muita gente à praia da Vieira, quer seja pela mera curiosidade de ver os estragos, quer seja para passear. Claro que também é importante que tenhamos os apoios de praia a funcionar, mas é algo que não vai depender da freguesia,

nem do município, depende deles. Eles têm todo o nosso apoio. Na primeira reunião preparatória da época balnear com as coletividades, fiquei muito feliz porque vi-os ainda optimistas e com força de fazer algumas actividades. Havia alguns eventos que tínhamos planeados, por exemplo, as comemorações do 25 de Abril, que vamos fazer mais simples, uma sessão solene. Tínhamos também um festival de arroz de marisco planeado para o início da época balnear, vamos tentar fazê-lo no final da época.

Há lições que se podem retirar deste evento?

Por mais plano que tivéssemos definido, acho que perante a calamidade que foi, não é fácil colocar os meios no terreno para acudir às pes-

“Tomara ver a freguesia composta e que a época balnear seja igual ou melhor que no ano passado

soas. A grande lição que devemos tirar daqui é que a energia elétrica e comunicações não nos podem faltar. Tivemos um grande problema com a E-Redes, parece-me que eles levaram muito tempo a colocar equipas no terreno. Acho que ninguém teve noção do impacto disto. Levou-se quase uma semana a colocar geradores no terreno para que pudéssemos repor a energia elétrica. Estamos completamente dependentes daquela entidade. Temos de ter um serviço de comunicações alternativo que funcione.

Que projectos estavam em andamento e ficaram suspensos? Podem retomar?

Temos um projeto em andamento, os passadiços no Ribeiro da Tábua, num circuito interpretativo. Havia

outros projectos que dependiam dos contratos inter-administrativos com a Câmara, estaria tudo bem encaminhado, mas agora há aqui uma série de nuances. Ou vamos endividar-nos - não será essa a ideia - ou têm de vir apoios extras do Governo para conseguirmos recuperar. Estamos a falar, por exemplo, daquelas coisas que, às vezes, ninguém repara, os jardins. Temos o nosso Largo da República, colocámos umas pérgolas há ano e meio, tinha aquelas plantas bonitinhas... estão todas secas porque a maresia secou grande parte das árvores. Estamos a tentar adquirir mais árvores e plantas, quer para aqui, quer para os jardins da Praia da Vieira. Tomara ver a freguesia composta e que a época balnear seja igual ou melhor que no ano passado.

PUBLICIDADE

**A NOSSA VISÃO
PARA O FUTURO,
MODERNIZAÇÃO!**

matos
gest
GROUP

molde matos, s.a.
PRECISION PLASTIC MOLDMAKER

matosPlás, S.A.
Indústria de Plásticos

PLIMEX
EXCELLENCE IN VALVES

“Cada vez que saio da junta à noite e vi que resolvi um pequeno problema, já é gratificante”

Isabel Freitas regressa à presidência da Junta de Freguesia da Marinha Grande para concretizar projectos inacabados. Enquanto autarca, viveu um ciclone, os incêndios, o furacão Leslie, a pandemia e, agora, a tempestade Kristin



O que a fez regressar a este lugar? O mandato, apesar de curto, está a ser diferente?

Este mandato está a ser diferente pelo que aconteceu. Embora, nos mandatos anteriores, apanhei sempre as intempéries da Marinha. Em 2013, era secretária do executivo, houve um grande temporal tipo ciclone,

a 19 de Janeiro. Não foi, de modo nenhum, desta dimensão. Mais tarde, em 2017, tinha acabado de tomar posse no segundo mandato, foi logo o incêndio. Em 2018, houve o [furacão] Leslie. Depois, a pandemia, no mandato de 2017 a 2021. Fez-me voltar o gosto, o amor, a paixão que tenho pela minha terra e gostava

de continuar algumas coisas que, de certa forma, vi que não se concretizaram tão bem. Não é uma crítica. Tínhamos um projecto de reconstrução deste edifício. Foi colocado a concurso três vezes e ficou deserto. O movimento independente que antecedeu este mandato optou por adquirir o edifício contíguo à jun-

ta, para deixarmos de ter o espaço alugado [do Espaço do Cidadão]. O projeto está concretizado, mas não na totalidade. A tempestade veio alterar o que se pretendia. Tudo ainda está semi-parado porque não sabemos se vêm verbas para os nossos prejuízos. O edifício ficou muito danificado, quase sem telhado, ainda

está a chover lá dentro. Entendo que as pessoas podem questionar a idade que tenho, se não estava bem em casa de chinelos. Sentir-me viva e ter ocupação é o meu lema de vida. Comecei pelo movimento associativo, em 87, e isso fez-me abrir muitos leques. Acabei por chegar à junta quase sem nunca ter pensado que

PUBLICIDADE



embalagens de cartão



Criamos a solução para o seu negócio!



Um pouco de nós...





Solda Laser | Gravação Laser | Solda TIG





Soldadura e Gravação LASER Portáteis • TIG

→ Vamos às vossas Instalações ←

Rua da Marinha Pequena - EMBRA

Telfs.: 244 092 991
912 731 173

Sinergias que criam valor.



tecfil.pt • plasgal.pt • gesplast.pt • blowtec.pt • sacofilme.pt

MARINHA GRANDE

RICARDO GRAÇA



poderia chegar e isso fez-me gostar daquilo que faço, estar junto das populações e acarinhá-las.

De que forma a Junta de Freguesia lidou com a tempestade?

O encarregado da junta, o único funcionário do exterior que temos com carta de pesados, desde as 5:30 da manhã que agarrou na nossa máquina *Caterpillar* e à meia-noite ainda não sabia onde é que andava. Foram duas ou três semanas sem parar. Hoje ainda estamos nesse processo. A Câmara tem um serviço, e a junta cedeu um homem para andar com eles, de recolha de lixo e resíduos. Temos a certeza que recolhemos naquele local e amanhã, já lá está um monte igual. A outra preocupação que tenho é com as madeiras da responsabilidade do ICNF. Tínhamos um parque de merendas, emprestado pelo ICNF à junta. Na Quinta-feira da Ascensão, o nosso feriado municipal, é tradição fazer piqueniques na mata toda. Agora, não temos mata para piqueniques. Era um dia de festa e tínhamos sempre animação. Ficámos privados disso. Vamos tentar que no Parque da Cerca o consigamos fazer sem sombras. Era um parque maravilhoso. Foi o parque que me fez chorar. Deitei a cabeça no volante e chorei porque ficámos muito felizes quando o salvámos do incêndio. A natureza manda muito.

Houve projectos que ficaram para trás?

De certa forma, como somos uma junta de freguesia em zona urbana, temos de articular com a Câmara

Municipal o que é de cada um. Para isso, temos de fazer contratos inter-administrativos, que já éramos para ter feito. Por exemplo, a Câmara, se não conseguir fazer as ruas todas em alcatrão, pode entender que descentraliza para a junta uma dúzia delas, mas tem de vir acompanhado de verba. Nós não a temos e isso tem de ser feito em procedimentos que demoram tempo. Estou sempre disposta a trabalhar com todos, em parceria com o movimento associativo da Marinha Grande. Todos os desportos que se fazem na Marinha - basquetebol, hóquei em patins, andebol, futebol, ténis de mesa, ténis, voleibol - são feitos em clubes e associações. As coletividades trabalham voluntariamente e muitas vezes não são reconhecidas também porque há impedimentos legais. Entendo, não estou a fazer crítica, mas entristece-me. O pavilhão do hóquei deixou de ser. Não tenho orçamento para apoiar muito, mas, dentro do possível, tento.

Tirando a tempestade, há alguma coisa que faça falta à freguesia?

Falta pessoal. Temos de contratar empresas, mesmo para a limpeza urbana, porque o nosso pessoal não chega. Mesmo assim, há uma impotência muito grande em dominar o crescimento das ervas. Pôr químicos, não concordamos. Vamos testar uns produtos que não são químicos, porque também não gosto de ver tanta erva. Desde que fui presidente de junta pela primeira vez que só olho para as ervas, mesmo quando vou a passear ao domingo. Cada vez que saio da junta à noite e vi que resolvi um pequeno problema, já é gratificante. Além disso, é urgente para a junta termos um espaço nosso e não alugado.

Há lições que retirou desta experiência?

Retiram-se sempre lições. Quase nunca acreditamos no que a meteorologia diz. Desta vez, foi-me dito no dia anterior e, da forma como foi dito, acreditei que era grave. Mas, jamais pensei que tivesse tal dimensão. Cada vez que ouvimos essas previsões, temos de ter mais cuidados e mais preparação. O Governo tem de, definitivamente, pôr a funcionar o sistema SIRESP. Mais uma vez, não funcionou. A Marinha Grande ficou completamente isolada de toda a gente. Temos de estar todos mais preparados. Mesmo preparados, a natureza quando quer vence-nos. Aprendi que tive medo que nunca tinha tido. Tínhamos por hábito dizer: vivemos num cantinho do céu. O nosso cantinho deixou de ser o cantinho do céu. Sem pinhal, a Marinha Grande vai ficar completamente desabrigada.

PUBLICIDADE



Marinha Grande

Município



OBRIGADO

JUNTOS SOMOS ENORMES

Reerguer a Marinha Grande ❤️

“Ter todos os meios e não os utilizar é a melhor coisa que pode acontecer”

Franklin Ventura presidente da Junta de Freguesia da Moita, mostra-se preocupado com a quantidade de material lenhoso ainda depositado na Mata Nacional de Leiria. Alerta para a falta de limpeza da floresta pública e para o perigo de incêndio



RICARDO GRAÇA

Quais foram os locais que mais sofreram com a tempestade?

A Moita não foi excepção ao que aconteceu na Marinha Grande. No entanto, já estamos noutra fase. A Junta de Freguesia já fez algumas reparações. Reparou o Parque de Merendas, os muros do cemitério, plantámos árvores em substituição das que caíram no recinto da escola e parques, recuperámos os jardins e as zona

ajardinadas, iniciámos a limpeza geral de ruas, largos, pracetas, travessas, becos. Adjudicámos a reparação do telhado da cozinha e dos sanitários dos estaleiros, a aquisição do portão para o cemitério e aquelas letras grandes que dizem Moita à entrada e saída da freguesia. Contamos voltar à normalidade em Julho, no máximo, Agosto. Agora, temos uma preocupação maior.

Que é qual?

As árvores caídas. A freguesia está rodeada de floresta, tem todos os acessos bloqueados com pinheiros e eucaliptos derrubados, o que não permite aos proprietários limpar os seus terrenos. Basta um à entrada não desimpedir o acesso os restantes estão condicionados a aceder aos seus terrenos. A primeira falha foi o Governo manter os meios militares, que cá estiveram nos primeiros 15

PUBLICIDADE



*aguarda homologação



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
MARINHA GRANDE
POENTE

Técnico/a de:
Auxiliar de Farmácia
Auxiliar de Saúde
Ação Educativa
Cozinha e Restauração
Design Industrial
Massagem Estética e Bem-Estar
Multimédia
Produção de Conteúdos Interativos
Produção e Gestão de Moldes
Vendas e Marketing









dias, a desimpedir - e bem - as ruas de acesso às habitações, mas abandonarem o desimpedimento dos caminhos florestais. Se tivesse sido feito, hoje teríamos uma grande parte da nossa freguesia florestal limpa. A floresta pública, do ICNF, está toda por limpar. Essa ainda é a maior preocupação, porque confrontamos com a Mata Nacional de Leiria a nascente e a Norte. Se o ICNF não limpar a parte que lhe toca, a freguesia fica muito mais sujeita às intempéries.

Preocupa-o o próximo Verão?

Não se aprendeu nada com o que se passou em 2017. Estamos rodeados de material lenhoso, altamente combustível, o que aumenta significativamente o risco de incêndio e o seu combate. Parece que a nossa sina é ter de rezar para que nada aconteça. O Governo está, apressadamente, a imputar a responsabilidade aos proprietários, a dar prazos, mas não fez o trabalho de casa. A Moita é a freguesia que mais floresta tem. Como é possível retirar este mate-

rial lenhoso até Junho? Entretanto, começam a ser proibidas as motos-seras porque vem o tempo quente. Isto é a lei do empurra. Toda a gente empurra para a Junta de Freguesia.

Então, o que falta fazer na freguesia depende de outras entidades.

A Junta de Freguesia não pode fazer mais nada. Está a fazer as suas reparações sem receber um tostão, mas isso é normal, estamos a tratar do nosso património com os poucos meios que temos. Estamos a dar uma lição a esta gente que tem todo o poder e dinheiro para resolver as situações atempadamente. Se não vierem máquinas das Forças Armadas desimpedir os caminhos florestais, se houver um incêndio, não há carro nenhum que lá entre.

Que projectos estava a desenvolver e que ficaram suspensos?

Temos, dentro do nosso pequeno orçamento, o nosso plano anual de investimentos previsto, que tem sido cumprido em mais de 90% desde que cá estou. Este ano, não vamos

poder fazê-lo porque tem de haver alterações para estas despesas que estão a aparecer agora. Algumas coisas vão ter de passar para o próximo ano ou para o outro. Mas está tudo pacífico, as pessoas entendem.

E que tipo de projetos quer retomar?

Temos projetos próprios e projetos que reivindicamos da Câmara Municipal, da competência deles. Agora, estamos focados em limpar, no máximo, até Agosto, tudo o que são resíduos da tempestade. Depois, vamo-nos concentrar e reapreciar as nossas prioridades. Vamos conseguir levar a bom porto, nestes quatro anos, aquilo que nos propusemos quando concorremos às eleições.

Quais são as carências da freguesia?

Algumas já estão a ser trabalhadas pela Câmara Municipal, por exemplo, a conclusão do saneamento básico. Outra importantíssima é a construção de habitação social e a reparação da existente. Há casas

fechadas por falta de manutenção, o que, para mim, é um escândalo. Há a necessidade de algumas ruas fundamentais para a boa circulação do trânsito na freguesia. Também a zona exterior do complexo escolar necessita de obras. A construção de um pavilhão gimnodesportivo é necessária. Temos a negociação, que já começou e tem de andar mais rápido, do contrato inter-administrativo com a Câmara, para termos mais poderes e meios para dar respostas mais céleres à população.

Em 2024, houve a intenção de uma empresa de adquirir direitos de prospecção de areias na zona da Almoinha Velha. Em que ponto de situação ficou?

Fui ouvido numa comissão de inquérito na Assembleia da República no mês passado. Está em apreciação e penso que terá um desfecho muito breve. Não há ninguém contra nem a favor. A Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, a Assembleia Municipal e a população não querem a exploração de areias e argilas

siliciosas nesta zona. É uma zona florestal, terá um grande impacto ambiental, com a destruição da flora e fauna existentes. Será uma agressão muito grande também para a própria freguesia, porque o acesso a essa exploração teria de ser feito pelo interior da freguesia, por ruas que são frágeis. Tiraria o descanso às pessoas, destruiria o pouco que temos. Penso que o balanço final das respostas que dei às questões dos deputados é positiva e que só avançará a exploração se não houver o mínimo de respeito pelas populações.

Do trabalho dos últimos meses, retirou lições?

Tem de haver mais prevenção e meios. Não tínhamos um gerador e agora já temos. É um passinho. A natureza não marca data. Quando aparece, temos de estar prevenidos. Bom é termos os meios todos e nunca os utilizamos. Há quem pense que é estragar dinheiro, não é. Ter todos os meios e não os utilizar é a melhor coisa que pode acontecer.



TRANSPORTES URBANOS
MARINHA GRANDE

O caminho para uma mobilidade
urbana mais sustentável

visite-nos em:

WWW.TUMG.PT



MAIS ECONÓMICO



MAIS ECOLÓGICO



MAIS RÁPIDO

www.tumg.pt

244 570 260

Vamos lá?

O seu primeiro passo em Montemor-o-Novo!

Your first step in Montemor-o-Novo!

visitmontemornovo.com 

 **MONTE MOR O/NOVO**
Município

Alentejo · Portugal

Negócios de praia resistem e preparam a chegada do Verão com optimismo

Economia As praias ficaram irreconhecíveis e os negócios que as sustentam trabalham agora contra o tempo para reabrir no Verão. Empresários acreditam que vão recuperar

Sofreu estragos com a tempestade Leslie, em 2018, foi destruído pelo fogo no ano seguinte e, novamente, terá de se reerguer após a depressão Kristin. O infortúnio parece bater demasiadas vezes à porta do Old Beach, em São Pedro de Moel, que continua a não ceder à tentação de fechar portas.

Na próxima época balnear, o reconhecido bar de praia tem uma nova gerência que já mostra vontade de pôr mãos à obra e deixar tudo a postos para que este estabelecimento continue a ser de paragem obrigatória durante o Verão.

Gonçalo Letra e José Nunes terão a tarefa de devolver à Praia Velha, em São Pedro de Moel, as noites animadas, com música, petiscos e *cocktails* que tornam qualquer dia de praia mais completo.

Adquiriram o espaço recentemente, após a tempestade, apesar de a proposta ter chegado há cerca de um ano. “Fomos abordados em Março/Abril de 2025 pelo antigo administrador do espaço se teríamos interesse em ficar com ele. A resposta foi um não, automático, até repensar um ou dois dias sobre o assunto. Decidimos, então, avançar com a proposta. Não estava nos planos, apesar de já ter sido, anteriormente, tema de conversa”, admite o mais jovem desta dupla de empresários, com 34 anos.

“O espaço ficou completamente destruído e a perda é total. Será todo reconstruído de raiz”, explica Gonçalo Letra que, com o sócio, é também proprietário da Esplanada do Jardim, Praia Nova Beach Club, Tropical Beachbar e Koral Beachbar.

Experiência na área não falta para dar uma nova vida ao Old Beach. No total, os empresários têm uma estimativa de um milhão de euros para a requalificação de toda a estrutura, que já está a avançar. “Não precisamos de um investimento e uma construção tão ampla de momento, porém, já que vamos fazer, decidimos fazer tudo novo com um projecto de raiz e respeitando todas as medidas em questão. Os trabalhos desenvolvidos passam desde a arquitectura, escolha de materiais, obra e contratação total”, explica Gonçalo Letra.



Old Beach voltou a conhecer a destruição e será recuperado a tempo da época balnear

O empresário lamenta, no entanto, que os apoios governamentais às empresas afectadas pela tempestade Kristin ainda estejam “muito confusos”, quando a época balnear está prestes a chegar e os operadores locais não podem aguardar para avançar com obras. “Existem linhas de crédito à tesouraria, com pouca taxa de juro. No entanto, o valor em questão pouco ajuda na requalificação”, refere.

Ainda assim, garante que o Old Beach vai abrir portas novamente. “O Old Beach estará em funcionamento e a cumprir todo o regulamento da época balnear imposto

pela ministra do Ambiente. Contudo, irá abrir porque tanto eu como o meu sócio não cruzámos os braços nem desistimos dos projectos em situações adversas como estas, pois podíamos ter cancelado o negócio que estava fechado há mais de um ano e ter seguido um caminho diferente”, considera.

O responsável mostra-se revoltado com a responsabilidade imputada aos empresários da área, relativamente à abertura da época balnear. “Em reunião com entidades competentes, foi-nos informado que, apesar de a ministra do Ambiente não ter conhecimento de apoios, nós, empresários, temos de garantir as condições da época balnear, caso contrário, provavelmente não poderíamos laborar.”

No decorrer destes dois meses, enaltece o apoio prestado pelos Municípios da Câmara Municipal da Marinha Grande e a de Leiria, onde também mantém bares de praia.

“Vale [o apoio] dos presidentes da Câmara da Marinha Grande e da Câmara de Leiria que, desde a tempestade, estão junto dos empresários sempre com prontidão para nos ajudar onde quer que consigam”.

Apesar das dificuldades, Gonçalo Letra promete um Old Beach de cara lavada e com muitas novidades. “Um espaço totalmente requalificado, ementa nova, *cocktails*, música boa e muita simpatia. Vamos garantir algo fantástico na praia de São Pedro de Moel, talvez como não existia há largos anos.”

Comerciantes estão optimistas

Também João Pereira, responsável pelas duas concessões entre a primeira e terceira bandeiras da praia de São Pedro de Moel, pelos restaurantes Fabioca e Volta aos 7, tem vontade de receber visitantes e turistas como até agora acontecia. “A perspectiva é recuperar”, sublinha, referindo que quer avançar

com obras para conseguir trabalhar o mais cedo possível.

O estado da praia é motivo de preocupação, uma vez que São Pedro de Moel “nunca esteve com tão pouca areia como este ano” e os acessos também ficaram condicionados.

Pelo que João Pereira percebe de outros empresários, “toda a gente está com vontade” de proporcionar um Verão inesquecível a quem visita o concelho, como tem sido hábito nos últimos anos.

Contudo, devido à dimensão da tempestade e à percepção do País, ainda não consegue afirmar se os turistas vão continuar a escolher a Marinha Grande. “As pessoas podem saber que sofremos e vêm dar uma ajuda, ou pensar que está tudo derretido e vão para outra praia”, equaciona.

Garante que, no que depender dos empresários, a época balnear será igual ou melhor a tantas outras.

1 ME

é o valor estimado para as obras de recuperação do Old Beach, em São Pedro de Moel

A Casa-Nau demorará “alguns anos” até zarpar

“Vai estar fechada alguns anos”. Sérgio Silva, vereador com o pelouro da Cultura no Município da Marinha Grande, prevê que as obras de recuperação da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira apenas começarão em 2027, de uma complexidade tal que obrigarão ao encerramento deste espaço cultural por anos. E a professora Cristina Nobre, que estudou e inventariou o espólio deste local, acredita que este “talvez seja o momento de maior crise daquela casa”.

As fragilidades da Casa Nau – como o escritor lhe chamava – não eram novidade. Afinal, uma habitação construída onde a terra começa, de frente para o mar, está à mercê da força da água e da vontade dos ventos.

A tempestade Kristin veio agravar o estado do edifício e antecipar obras que não se esperavam tão

profundas. “Pretendíamos fazer obras, mas nunca uma coisa desta dimensão”, confessa o autarca, sem ter a certeza de qual será o valor final das intervenções. “Centenas de milhares de euros.”

Está adjudicado o projecto para as obras de consolidação estrutural da casa e do pátio, que pretendem “repor o que estava e reforçar estruturalmente” a Casa-Museu, afirmando como um testemunho literário da obra de Afonso Lopes Vieira.

Todo o recheio da marquise foi retirado de urgência e está armazenado em espaços municipais, à espera de regressar.

Nos primeiros dias, a Câmara Municipal procedeu à “injecção gravítica de cimento, para reforço estrutural; estabilização do solo e do muro adjacente ao edifício; e vedação das fendas existentes no



RICARDO GRAÇA

Casa Nau esteve em risco de ruir

muro de suporte”.

Equipas municipais, técnicos do Laboratório Nacional de Engenharia

Civil e da Agência Portuguesa do Ambiente acompanharam as soluções de estabilização do local, onde está também danificada a rampa de acesso à praia.

As obras de recuperação implicam a “colocação de rochas de grande dimensão e acções minuciosas para reforçar a sustentação do solo”, tendo como prioridade “reduzir ao mínimo o escorrimento subterrâneo e estabilizar o solo fragilizado”.

Por isso, a porta da Casa-Nau, estará fechada sem saber quando poderá voltar a receber teatros imersivos ou outras actividades que contavam a vida e obra de Afonso Lopes Vieira.

Sérgio Silva garante que a Câmara procurará desenvolver actividades sobre o escritor, tanto no Centro Azul e Mar, como na rua. “O que

for possível” para evitar perder-se a ligação do poeta à Marinha Grande, onde passava as estações mais quentes.

Cristina Nobre conhece a maioria destas peças. Inventariou muitos dos objectos, conhece o seu valor e esta sua ligação fê-la também fazer parte do grupo de voluntários que retirou cada artigo da varanda, no momento em que havia risco de ruir.

Lamenta que este trabalho de catalogação esteja publicado num livro apenas comercializado no Politécnico de Leiria e gostaria que estivesse disponível para todo o público, também *online*, principalmente para estudiosos.

Defende que este momento de adversidade seja também documentado – afinal, faz também parte da sua história.

PUBLICIDADE



revistas, catálogos,
livros, folhetos, sacos,
dossiers, embalagens,
formulários, estacionário

MIRA DE AIRE
palmagrafica.pt

45 anos
1978 / 2023



Cuidamos
da sua
saúde.

- . Consultas de Especialidade
- . Internamento
- . Bloco Operatório
- . Medicina Física e Reabilitação
- . Exames de Diagnóstico
- . Medicina do Trabalho
- . Enfermagem

Acordos com:
ADSE, ADM, CGD,
Allianz, AdvanceCare,
Well's, Medis, Multicare,
Medicare, Saúde Prime,
RNA/Servimed,
SAMS (Centro, Quadros,
Sib, Sul e Ilhas),
SAD PSP, SAD GNR,
SNS – Exames de
Gastroenterologia,
Future Healthcare,
EccoSalva,
Companhias de Seguros.



Endoscopia Digestiva/ Colonoscopia pelo SNS

Consulta aberta Medicina Geral e Familiar:
08h00 - 20h00 (2ª a 6ª feira)
08h00 - 13h00 (sábados)

Rua D. João Pereira Venâncio, 14
2430-291 Marinha Grande
Tel. 244 574 060
(chamada para rede fixa nacional)
Email: geral@clinigrande.pt

www.clinigrande.pt

O dicionário pode acrescentar mais um sinónimo à palavra resiliência: Sporting Marinhense

Desporto A casa anda às costas desde dia 28 de Janeiro e, mesmo assim, nunca pararam de treinar ou jogar. Dois meses depois, o Sporting Marinhense continua à espera dos apoios para reerguer o mítico Pavilhão da Embra

À meia-noite de 28 de Janeiro, o Pavilhão da Embra ouvia risos, palmas e celebrações. Uma das atletas da formação da patinagem celebrava o seu aniversário e todos se juntaram para cantar os parabéns. A noite foi de festa, após uma partida contra o HC Turquel, em sub-15 de hóquei em patins, às 21 horas. Foram os

últimos momentos felizes antes da destruição bater à porta. “Fui para a cama eram 3:30 horas da manhã e o último aviso que vi foi: entrada da Kristin será entre a Vieira e a Figueira da Foz, recorda Miguel Bataglia, presidente do Marinhense.” As imagens do estado em que

ficou o mítico Pavilhão da Embra foram vistas por todo o País. Dois meses após a intempérie, o presidente ainda não sabe quando chegarão os apoios para a reconstrução da segunda casa dos 250 atletas de patinagem, hóquei em patins e basquetebol, orçamentada em mais de três milhões de euros.

O Marinhense tinha tudo para se deixar ir abaixo - o único pavilhão de hóquei no concelho ruiu precisamente no dia em que o emblema celebrava 87 anos de actividade. No entanto, os resultados dos últimos meses mostram as equipas galvanizadas e, até, há a hipótese de ir ao play-off de subida no hóquei. “Nunca parámos. Isto foi de terça para quarta, quarta-feira é dia de folga da equipa de hóquei, quinta-feira fomos treinar a Turquel e sábado fomos jogar à Infante Sagres. Abdicámos do treino de sexta. Tinha dito: temos de ver o que vamos fazer no sábado. E o Gonçalo Domingues, o capitão, chegou ao pé de mim e disse: queremos ir jogar. Se o capitão diz que quer ir jogar, vai jogar. Depois, foi aquela onda de solidariedade que se formou. Fomos jogar à Infante Sagres, ganhámos e o clube ainda nos dá a receita.” Nesse mesmo fim-de-semana, também o HC Barcelos tinha partida contra o FC Porto. Organizaram rifas solidárias e, além dos mil euros angariados, ainda levaram até à Marinha Grande uma carrinha “cheia de comida”. A equipa principal de basquetebol também fez esforços hercúleos. Iam começar a fase de manutenção da 2.ª divisão e adiaram algumas jornadas. Quando retomaram, tinham três treinos por semana na Figueira da Foz. Depois, conseguiram treinar em São Martinho do Porto e, entretanto, estão a usufruir do

pavilhão Nery Capucho, que nas primeiras semanas funcionou como centro de distribuição de bens alimentares. No total, muitas das equipas têm-se distribuído entre oito pavilhões das redondezas, enquanto as formações conseguem treinar no pavilhão 2 que, surpreendentemente, não sofreu muitos estragos. “Apenas” os focos de luz e algumas chapas, já reestabelecidas. A destruição não se resumiu ao pavilhão. Nas instalações do Marinhense existiam quartos que alojavam alguns atletas. Naquela noite, um deles acordou com o tecto a cair-lhe em cima e outro foi projectado no ar. Foram assistidos, recuperaram e agora estão alojados em Leiria. Ainda há provas da vida daquele lugar que resistem: nos lugares da equipa sénior de hóquei, sobram os autocolantes que tornavam personalizado o posto de cada um, onde arrumavam os seus materiais e guardavam as suas roupas.

3 ME
é o valor estimado para a recuperação do Pavilhão da Embra, inaugurado em 1966 e que tinha recebido obras de requalificação em 2018

PUBLICIDADE

Junta de Freguesia da Marinha Grande



Serviços:
Espaço Cidadão
Gabinete de Apoio Psicossocial

‘Uma Freguesia de Todos e para Todos’

OFERTA FORMATIVA

OFERTA FORMATIVA . OFERTA FORMATIVA

OFERTA

Agrupamento de Escolas de Vieira de Leiria

FORMATIVA

2026/27 ENSINO SECUNDÁRIO

NÓS OFERECEMOS / TU DECIDES

CURSOS CIENTÍFICO HUMANÍSTICOS

- Ciências e Tecnologias
- Ciências e Socioeconómicas
- Línguas e Humanidades

CURSOS PROFISSIONAIS

- Técnico de Eletrónica e Automação*
- Técnico de Proteção Civil*

*Aguarda Aprovação

CONDIÇÕES DE ACESSO: 9º ANO OU EQUIVALENTE

PESSOAS 2030 2030 Cofinanciado pela União Europeia



olhar **SENTIR** escutar
respirar **VIVER** saborear



Ao percorrer todos os espaços dedicados a cada equipa, a água ainda se faz ouvir a cada passo. Apesar dos dias de sol que já vieram após a tempestade, a chuva persiste e continua a deixar marcas mais profundas no pavilhão.

Cada vez surgem mais fissuras, mais marcas da humidade e da água infiltrada. “Não sei se é possível uma reconstrução e aproveitar o que existe. Só que isto está tudo fissurado por dentro. Só se vier aqui um engenheiro ou o LNEC [Laboratório Nacional de Engenharia Civil] certificar”, refere o presidente, preocupado com os possíveis danos de uma das paredes do pavilhão, que considera poder representar um risco para a estrada em frente.

Agora, pairam as expectativas de subir à principal liga nacional de hóquei em patins. “Os orçamentos são o dobro e só vamos saber em Junho se vamos para a 1.ª divisão ou não.



RICARDO GRACA

Despesas mensais do clube para deslocações chegam aos dois mil euros

Está toda a gente a perguntar-me: e se sobes? Eu nem sequer sei onde vou treinar na segunda-feira”, constata o dirigente.

Antes de pensar nas despesas

a que a 1.ª divisão obriga, Miguel Bataglia e o emblema lidam com os aumentos dos custos que a falta de um pavilhão provoca. Desde o primeiro momento que o clube alugou uma carrinha, face à necessidade de levar os atletas aos jogos. São mil euros mensais, aos quais se somam os quilómetros extra e portagens, totalizando cerca de dois mil euros. O apoio dos pais, vinca Miguel Bataglia, tem sido fundamental para manter o calendário de jogos e permitir que todos os atletas estão presentes no momento do apito inicial.

Apoios não chegam

No que toca aos apoios disponíveis, Miguel Bataglia assegura que se candidataram “a tudo”. As respostas tardam em chegar e todas as obras já realizadas - a construção de um muro, a requalificação do centro social e de alguns dos quartos que alojavam atletas - aconteceram

graças ao espírito associativo e aos amigos do clube, que uniram esforços para dar sinais de que o clube permanece vivo.

“A Federação [de Hóquei] isentou-nos uma factura que lá tínhamos, a associação outra. A Federação de Basquetebol, aparentemente, é mais pro-activa. Fizemos dois jogos das selecções seniores feminina e masculina e as receitas são para dividir entre nós e o Amarense. E, para o ano, não vamos pagar as inscrições dos atletas. Anunciaram que já tinham, dos dois jogos, 11 mil euros. Depois, ainda houve a Taça de Portugal em cadeira-de-rodas e outro fim-de-semana solidário. Era para juntar tudo ao bolo, só que ainda não recebemos nada”, lamenta.

Tem a garantia do líder da Estrutura de Missão para a Reconstrução da Região Centro, Paulo Fernandes, de que vai haver dinheiro. “Não sabe é quando nem quanto.”

BOLLINGHAUS[®]
STEEL

Perfis de aço inoxidável

Fabricados em Portugal

Vasta gama de perfis e qualidades

Entrega em todo o mundo

Excelente serviço ao cliente



Saiba mais sobre os nossos perfis e qualidades online!

  www.boellinghaus-steel.com

PUBLICIDADE



**POLYTECHNIC
UNIVERSITY**

POLITÉCNICO DE LEIRIA FORMAR COM CONHECIMENTO, INOVAR COM PROPÓSITO E CRIAR OPORTUNIDADES PARA O FUTURO

47

TeSP

49

Licenciaturas

95

Mestrados e
Pós-Graduações

04

Doutoramentos

ESECS.

Escola Superior
de **Educação e
Ciências Sociais**

ESTG.

Escola Superior
de **Tecnologia e
Gestão**

ESAD.CR.

Escola Superior
de **Artes e
Design**

ESTM.

Escola Superior
de **Turismo e
Tecnologia
do Mar**

ESSLei.

Escola Superior
de **Saúde**

Artes e Design

Ciências Empresariais e Jurídicas

Educação e Ciências Sociais

Engenharia e Tecnologia

Saúde e Desporto

Turismo

www.ipleiria.pt

